

A VARIANTE LEXICAL *TRAQUINA* NO ATLAS LINGUÍSTICO DE PONTA PORÃ: UMA ANÁLISE SEMÂNTICO- LEXICAL SOB A LUZ DA GEOLINGUÍSTICA

Mariana dos Santos Freitas, Julia Augusta Oslei Pereira, Vanessa Hagemeyer Burgo

marianasantos31@hotmail.com, juliaoslei87@gmail.com, vanessahburgo@hotmail.com

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

III Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2023

Resumo. Este trabalho tem por objetivo analisar questões semântico-lexicais da palavra *traquina* presente na carta 124 do Atlas Linguístico de Ponta Porã, observando suas ocorrências, tanto em língua portuguesa quanto em guarani. Com base em Reis (2006), optamos por essa pesquisa devido ao fato de a cidade de Ponta Porã (Brasil) estar localizada em região de fronteira seca com a cidade de Pedro Juan Caballero (Paraguai), onde questões históricas entre os dois municípios influenciaram o bilinguismo existente nessas localidades. Por meio das análises, consideramos relevante assinalar a grande contribuição dos Atlas Linguísticos municipais para os estudos da linguagem, em particular o de Ponta Porã, bem como a importância do trabalho realizado por Chamorro (2022) no desenvolvimento do dicionário digital Kaiowá-Potuguês. Evidenciamos, pois, a riqueza da diversidade linguística da área de fronteira entre Brasil e Paraguai, que não pode se perder ao longo do tempo devido à falta de categorização de palavras e expressões próprias desses territórios.

Palavras-chave: Atlas Linguístico; Geolinguística; Guarani.

Abstract: This work aims to analyze semantic-lexical issues of the word *traquina* in letter 124 of the Linguistic Atlas of Ponta Porã, observing its occurrences in both Portuguese and Guarani. Based on Reis (2006), we opted for this research due to the fact that the city of Ponta Porã (Brazil) is located in a dry border region with the city of Pedro Juan Caballero (Paraguay), where historical issues between the two municipalities have influenced the bilingualism present in these locations. It is relevant to point out the significant contribution of the municipal Linguistic Atlases to language studies, particularly the one of Ponta Porã, as well as the importance of the work carried out by Chamorro (2022) in the development of the Kaiowá-Portuguese digital dictionary. We

highlight the richness of linguistic diversity in the border area between Brazil and Paraguay, which must not be lost over time due to the lack of categorization of words and expressions which are specific to these territories.

Keywords: *Linguistic Atlas; Geolinguistics; Guarani.*

1. Introdução

Pela necessidade de se comunicar e expressar, o ser humano cria modulações na língua para que o seu objetivo comunicacional seja atingido. Para teorizar essa discussão, Ferreira e Cardoso (1994) apontam a questão *língua e dialeto*, em que falar uma língua é “operar uma abstração e uma generalização consideráveis uma vez que sob essa denominação de língua **há uma gama de variações, consequência direta da diversidade dos usuários**” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 11, grifo nosso). Desse modo, a dialetologia é um ramo da linguística cujo objetivo é descrever as variações regionais da língua falada, considerando os aspectos espaciais (geográficos), sociais e temporais. De acordo com Cardoso (2010), o foco no espaço geográfico afeta o que há de particular em cada região, tanto em termos culturais, quanto na “própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história” (CARDOSO, 2010, p. 15). Todos os fatores apontados pela autora podem ser observados na prática ao analisar a diversidade presente no Atlas Linguístico de Ponta Porã (ALiPP), que motivou o estudo realizado aqui.

Antes de adentrarmos ao ALiPP, trataremos, brevemente, de outros Atlas produzidos no Estado de Mato Grosso do Sul, começando pelo próprio Atlas de Mato Grosso do Sul (ALMS). O ALMS foi publicado em 2007, tendo o professor e pesquisador Dercir Pedro de Oliveira como organizador. Contando com um total de 32 localidades e 128 informantes de ambos os sexos (feminino/masculino), o Atlas contempla os aspectos fonético-fonológicos, semântico-lexicais e morfossintáticos (OLIVEIRA, 2007).

Mais adiante, no ano de 2013, a professora e pesquisadora Beatriz Aparecida Alencar, como resultado de sua dissertação de mestrado, publicou o Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário (AliCoLa). A pesquisa foi realizada em 5 localidades do município e contou com um total de 20 informantes, sendo 4 por localidade. Neste estudo, foi capturada e analisada a questão da variação lexical no município de Corumbá e Ladário.

Por fim, o já mencionado ALiPP, publicado em 2006 como resultado final da dissertação de mestrado da pesquisadora e professora Regiane Coelho Pereira Reis. Este Atlas contempla um dos municípios de Mato Grosso do Sul (Ponta Porã), que faz fronteira seca com Paraguai. A pesquisa em questão revela a diversidade linguística da região e evidencia outros fenômenos históricos que são elementos importantes na formação desses locais. O ALiPP abrange, também, os aspectos lexicais da língua falada. É importante destacar que há outro estudo realizado por Reis (2013), produto de tese de doutorado intitulada “Variação linguística do Português em contato com o espanhol e o guarani na perspectiva do Atlas Linguístico-contatual da fronteira entre Brasil/Paraguai (ALF-BR PY)”. Nesse estudo, de forma geral, a autora destaca a riqueza e a variação linguística das cidades fronteiriças entre Brasil e Paraguai.

Como mencionado anteriormente, destacamos a importância dos Atlas municipais, pois é por meio deles que as particularidades da língua se colocam em evidência. É possível observar que há certas peculiaridades que só podem ser identificadas ao adentrar os espaços mais profundos de uma localidade. Embora o Atlas linguístico de Mato Grosso do Sul seja rico e evidencie diversos fenômenos linguísticos, os Atlas municipais aprofundam ainda mais essa riqueza e diversidade linguística.

No sentido de delimitar o objeto desta pesquisa, utilizaremos o Atlas Linguístico de Ponta Porã (ALiPP), município de Mato Grosso do Sul. O ALiPP teve como objetivo o registro da variação na modalidade oral que ocorre em Ponta Porã, um dos municípios de Mato Grosso do Sul. Este se destaca por ser região de fronteira (Brasil-Paraguai-Bolívia) e pelo bilinguismo presente na região por meio do uso de português, guarani e espanhol (REIS, 2006).

Dessa forma, a proposta deste trabalho é analisar de que modo a palavra *traquina* é modulada pelos falantes que vivem em Ponta Porã, com base na carta linguística de número 124 contida em Reis (2006), volume 3. Além disso, pretendemos assinalar a importância dos Atlas municipais para a fotografia da língua e variação em cursos, bem como a relevância do trabalho de Chamorro (2022), por meio da publicação do primeiro dicionário digital bilíngue Kaiowá-Portugues. De acordo com Reis (2006) “um atlas linguístico, enquanto produto de uma pesquisa dialetal, se configura como um “álbum de fotografias””. Dito de outro modo, isto significa que um Atlas Linguístico pode traduzir

uma realidade linguística de acordo com determinado momento histórico da língua (REIS, 2006, p. 106).

A questão de fronteira

Para abordar a questão do Atlas Linguístico de Ponta Porã, é necessário esclarecer, previamente, aspectos técnicos do Atlas (ALiPP), como a rede de pontos, as localidades, o perfil do informante e até mesmo a história na região fronteira entre o Brasil e Paraguai. Nesse sentido, com base em Reis (2006), contextualizaremos os temas para fundamentarmos algumas questões abordadas neste trabalho.

A rede de ponto definida pela autora se deteve em 8 localidades, distritos e bairros rurais, quais sejam: 1-Fazenda Paquetá-Cedro (Norte/Leste); 2- Cabeceira do Apá - (Norte/Oeste); 3- Fazenda Itamarati (Centro); 4- Posto Guaíba (Sul/Leste); 5- Fazenda Santa Virgínia (Centro/Oeste); 6- Ponta Porã (Sul/Oeste); 7- Lagunita (Sul/Leste); 8- Sanga Puitã divisa com República do Paraguai (Sul/Oeste) (REIS, 2006).

Para a realização do questionário, dada à situação de fronteira, a professora utilizou o questionário do Projeto ALIB adaptado e o questionário do ALMS com modificações. O foco da pesquisa era destacar as questões bilíngues, por isso, as perguntas traziam sempre ao final “conhece um nome para isso em espanhol ou em guarani?” (REIS, 2006, p. 42). Na escolha dos informantes, as variáveis bilíngue e ascendência paraguaia foram relevantes no processo, considerando que o guarani é uma língua materna no Paraguai. De acordo com Reis (2006), o guarani é uma língua estigmatizada, porém, a influência linguística no lado brasileiro fica clara quando se analisa os dados coletados para o ALiPP.

Para a pesquisa de Reis (2006), foi considerado um perfil pluridimensional do informante, que inclui variáveis como sexo (masculino e feminino), faixa etária (de 45 a 70 anos), naturalidade (nascidos na fronteira Brasil/Paraguai ou residentes na localidade pesquisada há mais de 20 anos), escolaridade (pessoas sem escolaridade ou que tenham cursado da 1ª a 4ª série do ensino fundamental) e informantes bilíngues.

Para prosseguir com os objetivos deste trabalho, é importante destacar as questões históricas da cidade de Ponta Porã, bem como sua condição de fronteira, que é, em certa

medida, a razão por trás de sua diversidade linguística. Conforme mencionado por Reis (2006), Ponta Porã é conhecida como “a princesinha dos ervais” e carrega na “fala incomum de seus filhos, as marcas vivas de sua história” (REIS, 2006, p. 58). Antes de abordar as questões históricas e geográficas da fronteira, é importante salientar como o surgimento fronteiriço se desenvolveu.

A autora apresenta algumas vertentes do que ficou conhecido como “Guerra do Paraguai”, o conflito militar entre Brasil, Argentina e Uruguai (Tríplice Aliança) contra o Paraguai. A disputa por expansão territorial teve início ainda com a chegada dos portugueses em Mato Grosso (Cuiabá) por volta de 1778. Após a guerra Brasil-Paraguai, “ocorre a anexação definitiva ao então território brasileiro das cidades como Bela Vista, Miranda, Albuquerque, Nioaque, Corumbá e Ponta Porã” (REIS, 2006, p. 59). Mesmo com o Tratado de Madrid (1750), que estabeleceu os limites territoriais do Brasil, portugueses e espanhóis continuaram disputando terras, incluindo a região fronteiriça com Mato Grosso do Sul.

Durante a Guerra do Paraguai (1864-1870), tal país sofreu enormemente, resultando em um alto número de mortos e a redução significativa de sua população. Conforme mencionado por Reis (2006), a guerra dizimou 98,3% da população, principalmente homens. Compartilhamos, portanto, a revolta e a indignação diante dos trágicos eventos ocorridos durante esse conflito histórico:

É lamentável que países vizinhos como o Brasil e o Paraguai tenham encontrado na guerra a única solução para a disputa territorial que se arrastou entre cinco longos anos sobre esses dois países. Mais lamentável ainda é o fato de milhares e milhares de pessoas terem sacrificado suas vidas, dizimadas em consequência da ganância humana por domínios territoriais (REIS, 2006, p. 61).

Pedro Juan Caballero declarou a independência do Paraguai em 15 de maio de 1811, e a oficialização da independência paraguaia ocorreu mais tarde, em 12 de outubro de 1813. É importante assinalar que no Brasil há diferentes perspectivas em relação a essa independência, especialmente no que diz respeito aos limites territoriais e alegações de invasão paraguaia em terras brasileiras. Como resultado do derramamento de sangue, a região do Mato Grosso passou a ser definitivamente considerada território brasileiro.

No contexto dessa guerra entre os dois países, as versões brasileira e paraguaia se encontram. Do lado brasileiro, há um reconhecimento do heroísmo do Brasil, enquanto do

lado paraguaio reconhecem-se “heróis e vítimas, ou seja, os que foram massacrados, como símbolos dessa história paraguaia”. A autora conclui ainda que “os paraguaios não são vistos como derrotados, assim como os brasileiros não são algozes desse contexto” (REIS, 2006, p. 62).

Dessa forma, Mato Grosso do Sul, que passou por um processo de separação de Mato Grosso, localiza-se na região Centro-Oeste do país e faz fronteira com Bolívia e Paraguai. Esses dois países influenciam a situação linguística e cultural dos municípios vizinhos e até mesmo mais distantes da fronteira. Segundo Reis (2006), a mistura cultural ocorre na língua, na culinária, nas religiões e crenças, e até mesmo nas danças e festas típicas. A cidade de Ponta Porã está localizada a 339 quilômetros da capital Campo Grande, e logo na entrada da cidade, há uma cuia de tereré e chimarrão que dá as boas vindas aos visitantes. Portanto, a cidade abriga em seu seio uma vasta variedade cultural que se reflete no uso linguístico local.

Assim, o estudo realizado pela pesquisadora tem como foco a análise da fala na cidade de Ponta Porã, com o objetivo de “mapear o falar regional, descrevendo assim particularidades lexicais do grupo humano dessa faixa de fronteira, por meio de um atlas linguístico da localidade” (REIS, 2006, p. 74). Portanto, consideramos as questões abordadas por Reis (2006) como fundamentais para chamar a atenção para a necessidade de políticas públicas que reconheçam a importância de ir além da gramática e compreender o valor agregado pela língua falada na rede educacional. Fica evidente que a língua é reveladora dos aspectos sociais e culturais de um Estado/município, e isso se manifesta de forma clara nas situações de fronteira.

As línguas em contatos criam fenômenos novos, provocando mudanças não apenas linguísticas, mas também no modo de ver e pensar. Para Reis (2006) essas mudanças

atingem a dinâmica interna da língua e também sua estrutura externa, posto que as comunidades linguísticas vizinhas geralmente mantêm atividades comerciais, trocas culturais e contatos linguísticos que acabam se inserindo nos hábitos cotidianos dessas comunidades, alterando suas realidades (REIS, 2006, p. 77).

Dessa forma, cabe evidenciar, por meio do trabalho realizado por Reis (2006), o quanto a questão histórica de cada município é fator fundamental na sua formação

linguística. Os estudos da autora, além de mapear variantes linguísticas, identificam fenômenos históricos, sociais e culturais que transcendem as fronteiras linguísticas e físicas. É, pois, sob essa perspectiva que trataremos acerca do bilinguismo tão presentes na cidade de Ponta Porã.

O bilinguismo

A questão do bilinguismo impacta profundamente Ponta Porã, já que, além das questões históricas entre a língua espanhola e guarani, houve, também, a influência do português europeu após a colonização. Conforme destacado por Reis (2006), em alguns casos, até mesmo o termo “trilinguismo” é adequado, uma vez que grande parte dos falantes possui domínio das três línguas (português, guarani e espanhol). Assim, “é possível concluir que a própria situação de fronteira forma o indivíduo bilíngue, pois se trata de uma situação imposta pela comunidade do falante nela inserido” (REIS, 2006, p. 78).

Para os moradores de um município fronteiriço, como no caso de Ponta Porã, a questão do bilinguismo vai além do simples domínio de duas línguas. Considerando a intensidade do comércio nessas localidades, o bilinguismo é uma questão de sobrevivência. Os falantes dependem das línguas para se relacionarem no âmbito comercial, profissional e até mesmo afetivo. No entanto, o bilinguismo pode ser encarado como um desafio em outros municípios que mantêm relações comerciais com o Paraguai, uma vez que as diferenças culturais entre os dois países são nitidamente evidentes ao atravessar a fronteira.

Em Ponta Porã, além do português brasileiro, são faladas as línguas guarani e espanhola. Acerca desse aspecto, Reis (2006) afirma que:

Pela análise do léxico da língua falada em Ponta Porã-MS é possível afirmar que ali coabitam, simultaneamente, uma linguagem una e múltipla, permeada de variedades que fazem da fala local uma gama de falares ricos de influências do mundo físico-social. (REIS, 2006, p. 79).

Ressaltando a importância de Antenor Nascentes para a Dialectologia no Brasil, a área de fronteira que marca Ponta Porã foi demarcada por Nascentes (1953). Conforme Reis (2006), “o autor marcou esse território dando ênfase aos seus limites com o estrangeiro devido à importância da sua localização geográfica, daí a relevância de estudos

nessa localidade para o conhecimento da realidade linguística do Brasil” (REIS, 2006, p. 81). Podemos considerar que as questões linguísticas são bastante intensas na fronteira, o que amplifica a heterogeneidade da língua, bem como as mudanças e variação. A autora recorre aos pensamentos de Tarallo (1986) para explicar a relação entre mudança e variação. Nesse sentido, é importante destacar um conceito fundamental: todas mudanças ocorrem a partir de variações, mas nem toda variação se transforma em uma mudança (REIS, 2006). Além disso, é essencial salientar que as mudanças linguísticas estão intrinsecamente ligadas à história das línguas.

Consideramos relevante abordar as questões de fronteira e bilinguismo, pois são esses dois fatores que tornam o município de Ponta Porã um lugar único na questão linguística. Vale assinalar que a língua é uma forma de revelar outros tipos de diferenças como culturais, históricas, entre outros. A língua é, pois, um fator fundamental na cristalização da variedade cultural que enriquece ainda mais o estado de Mato Grosso do Sul.

Análise semântico-lexical

Para as palavras em guarani, utilizaremos o dicionário digital da pesquisadora Graciela Chamorro, intitulado Kaiowá-portugues. Trata-se de um dicionário recente, publicado em 2022, mas que a pesquisadora dedicou longos anos de sua vida para produzi-lo.

Com base na carta de número 124 do ALiPP, apresentamos, abaixo, um quadro com as ocorrências da palavra *traquina*, indicando sua origem (GUA para Guarani e PT português) e o número de pontos em que aparece cada ocorrência.

Quadro 1 - ocorrências da palavra *traquina* e número de pontos

NOME	ORIGEM	PONTOS EM QUE APARECEM
Arteiro (PT)	PT	Aparece em todos os pontos (1 a 8).
(Mitá) akaratã (GUA)	GUA	Pontos 1, 2, 3 e 4.
(Criatura) cabeçuda (PT)	PT	Pontos 1 e 4.

Bahuku (GUA)	GUA	Ponto 7.
Iñakaratã (GUA)	GUA	Ponto 2.
Ñaka hata (GUA)	GUA	Ponto 6.
Pokovi (GUA)	GUA	Ponto 6.
Povikacha (GUA)	GUA	Ponto 8.
Ukuhata (GUA)	GUA	Ponto 7.

Fonte: As autoras

A pergunta motivadora para o uso da palavra *traquina* foi: “uma criança que faz artes e mexe em tudo? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?”. Em um primeiro momento, notamos que, apesar da pergunta delimitar os dois idiomas (Espanhol ou Guarani), o falante utiliza seus recursos linguísticos para destacar a palavra na língua mais familiar a ele, o que, nesse caso, ocorreu apenas em língua portuguesa e guarani. Esse fator evidencia outro ponto colocado por Reis (2006): apesar da língua de prestígio considerada pelos moradores locais ser o Espanhol, língua “do colonizador” a língua mais utilizada pelos falantes, nesta pergunta em questão, é o guarani. Outro fator interessante é que a palavra *arteiro* aparece em todas as localidades, marcando, assim, a presença da língua portuguesa em todos os pontos de inquéritos.

Dada à dificuldade de encontrar em dicionários as palavras que surgem através da pergunta indicada, optamos por realizar alguns apontamentos por meio de texto corrido e não tabelado.

Desse modo, a palavra *arteiro*, que apareceu em todas as localidades, é definida como adjetivo “que tem ou revela arte, astúcia; manhoso; velhaco/ **Bras.** travesso; traquinas” (NOVO BRASIL, 1986, p. 70, destaque do autor). Neste dicionário, é possível notar que a palavra *traquina* aparece associada com *arteiro*, mas com indicação de brasileirismo, indicado pelo *Bras* em negrito. Entende-se por brasileirismo uma palavra exclusiva do português brasileiro, ou seja, que tem origem e pertence apenas ao português brasileiro (HOUAISS, 2011). No dicionário Houaiss, mais atual que o mencionado anteriormente, *arteiro* também é definido como adjetivo, mas sem a associação com a palavra *traquina* “esperto, ardiloso, sagaz (...) que apronta artes e travessuras” (HOUAISS, 2011, p. 84).

Em segundo lugar, com mais ocorrência, aparece a palavra *mitá*, em guarani. É importante salientar que qualquer classificação sobre as palavras, tanto em língua portuguesa quanto em guarani, foram encontradas em dicionários. O que veremos mais adiante é que, em alguns casos, a classificação é impossível devido à falta de ocorrência nos dicionários específicos. Para as palavras em Guarani, utilizaremos o “Dicionário Kaiowá-portugues”, lançado digitalmente em 2022 por Graciela Chamorro, uma professora e pesquisadora paraguaia. Nem sempre a palavra aparecerá com a definição própria, mas esta pode estar dentro de um conceito de uma outra palavra e na tradução das frases que explicam a palavra em questão.

O exemplo que daremos a seguir esclarece essa questão. Temos a palavra *kũpĩa* que significa *afta na língua*, mas, dentro dessa definição, encontramos a palavra *mitã*, que, dentro do exemplo contido no dicionário, significa *criança*. Consideremos a definição a seguir.

“**kũpĩa** n. [i-, o-] kũ ‘língua’ + pĩa ‘grão, ferida’, 1. **afta na língua**; *mitã* ikũpĩamba ‘a criança está cheia de sapinho’” (CHAMORRO, 2022, p. 303, grifo nosso) . Nesta e em outras aparições da palavra *mitã* (que associamos aqui, por grau de semelhança com *mitá*) está sempre relacionada à palavra *criança*. Entretanto, para a palavra *akaratã*, que aparece após *mitá*, não encontramos no dicionário, mas observamos que a estrutura *akaratã* aparece em outra palavra com a letra *h* (*akahatã*), como veremos a seguir.

Nem sempre a palavra aparece de forma direta, mas as frases traduzidas em português nos apresentam palavras outras, como o exemplo de *ñaka hata* que encontramos dentro da definição de *gwyra sañovy* que significa *anambé-azul*. Segue a frase em que aparece o verbete primeiro em guarani, e em seguida, sua tradução: “gwyra sañovy oiko ka’agwy’íre, ho’u amora ha iñe’ëngatu, peteĩ **mitã** onasérõ gwyra sañovy po gwýpe **iñakã hatã** ete” - tradução: “anambé-azul vive na matinha, come amora e é falador, se uma **criança** nasce aos cuidados do anambé-azul, **ela é muito arteira**” (CHAMORRO, 2022, p. 165, destaque nosso). Em destaque estão as palavras *mitã* (criança, como já mencionamos) e *iñakã hatã* (arteira). Em outras definições, *iñakã hatã* aparece como: “criança muito brincalhona e inquieta; muito bagunceiro e criança era sapeca”.

É possível perceber que a estrutura *akaratã* se repete nas palavras *iñakaratã* e *ñaka hata*. Acreditamos tratar-se, então, de uma questão fonológica da palavra, que pode

ser diferente de acordo com a localidade em que é pronunciada. Já a ocorrência de *iñakã hatã*, que, no dicionário, aparece de forma separada, mas na carta, aparece como uma palavra junta e outra separada (*Iñakaratã* e *Ñaka hata*) que, como vimos, possui o mesmo significado, *criança arteira*. É por meio dessas ocorrências que as variações vão além do uso do bilinguismo na região de fronteira, mas que, nesses usos, os falantes utilizam variações dentro da sua língua mais familiar.

Ressaltamos, desse modo, que a dificuldade lexical e semântica na análise das palavras em guarani pode indicar que trabalhos como estes, tanto do Dicionário Kaiowá-Portugues, quanto dos Atlas Linguísticos dos municípios, são fundamentais para catalogar palavras em uso num determinado tempo. Além disso, tais estudos contribuem para a compreensão, ainda que minimamente, do significado agregado àquelas palavras, bem como identificar possíveis mudanças em curso, não apenas no português brasileiro, mas também no guarani.

Há, ainda, as palavras não encontradas no dicionário (*Bahuku, Pokovi, Povikacha e Ukuhata*). Todas as palavras não encontradas no dicionário Kaiowá-Português foram proferidas nos pontos mais próximos com a fronteira do Paraguai, nos pontos 6, 8 e 7. Esse fator pode indicar uma força maior do Guarani nessas regiões, onde há palavras muito específicas de acordo com a localidade.

Apesar da relevância dos dois trabalhos destacados, Reis (2006) e Chamorro (2022), a língua viva está além dos muros, das fronteiras, pois está em constante movimento e mudança. A tentativa de fotografá-la, em determinado momento, é um fator indiscutivelmente fundamental para que culturas tão ricas sejam (re)conhecidas como tal. É, pois, neste sentido, que destacamos a riqueza linguística da área de fronteira entre Brasil e Paraguai, bem como a evidência de que, ainda que a língua seja capturada num determinado momento, ela indica variantes e possíveis mudanças/transformações linguísticas.

Considerações Finais

Por meio das análises, consideramos relevante assinalar a grande contribuição dos Atlas Linguísticos municipais para os estudos da linguagem, em particular o de Ponta Porã. Evidenciamos, pois, a riqueza da diversidade linguística da área de fronteira entre Brasil e

Paraguai, que não pode se perder ao longo do tempo devido à falta de categorização de palavras e expressões próprias desses territórios.

Observamos que, para algumas palavras, não encontramos significação no dicionário, como destacamos anteriormente. Apesar de não conter esses dados, é um fator que revela ainda mais a riqueza deste lugar. A fronteira impulsiona, sem dúvida, variantes do guarani, espanhol e português dentro de suas próprias línguas. Trata-se, portanto, de um movimento intrínseco que ocorre nessa situação de fronteira seca. Os falares são misturados pela necessidade de relações comerciais, afetivas, culturais, entre outros fatores.

Assim, ressaltamos a relevância da pesquisa de Reis (2006), que aponta, descreve e fotografa a língua em seu curso mais belo e natural, da variação, das línguas em contato, bem como o trabalho de Chamorro (2022), que se dedicou anos a fio para catalogar palavras em seu dicionário. Não se trata, pois, de significados fechados num dicionário, mas da cultura rica descrita em páginas que nos aproxima do seio de nossa própria cultura.

Referências

ARTEIRO. *In*: HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss Conciso**. São Paulo: Moderna, 2011. p. 84.

ARTEIRO. *In*: NOVO BRASIL. **Grande Dicionário da Língua Portuguesa**. 30. ed. São Paulo: Novo Brasil, 1986. p. 70.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CHAMORRO, Graciela. **Dicionário Kaiowá-Português**. 1 ed. Belo Horizonte, MG: Javali, 2022. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/gkl00008.pdf>. 89

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

REIS, Regiane Coelho Pereira. **Atlas Linguístico do município de Ponta Porã - MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai**. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/1364>.